



As Traduções Brasileiras do Prefácio de Oscar Wilde¹

Eliane Lealⁱ (UnB)

Germana Henriques Pereira de Sousaⁱⁱ (UnB)

Resumo: O foco do presente trabalho é analisar e comparar quatro traduções brasileiras do prefácio do romance *The Picture of Dorian Gray* de Oscar Wilde. As traduções analisadas são a de João do Rio, Oscar Mendes, José Eduardo Ribeiro Moretzsohn e Lígia Junqueira. O prefácio de Wilde consiste em aforismos que surgiram como resposta à crítica do romance e à sociedade do século XIX. As traduções brasileiras deste prefácio, apesar de serem bastante próximas do original em inglês, apresentam peculiaridades que merecem ser discutidas. Assim, este trabalho irá analisar as traduções citadas e compará-las sob o ponto de vista dos estudos de tradução.

Palavras-chave: Oscar Wilde, prefácio, tradução literária.

Abstract: The focus of the present study is to analyze and compare four Brazilian translations of the preface to the novel *The Picture of Dorian Gray* written by Oscar Wilde. The analyzed translations were written by João do Rio, Oscar Mendes, José Eduardo Ribeiro Moretzsohn and Lígia Junqueira. Wilde's preface consists in aphorisms written as an answer to the novel criticism and to the nineteenth century society. The Brazilian translations of this preface, in spite of being very similar to the original, present characteristics worthy of discussion. Thus, this study will analyze the mentioned translations and compare them to each other from a translation studies point of view.

Keywords: Oscar Wilde, preface, literary translation.

¹Este artigo é fruto da pesquisa *As faces de Dorian Gray: o estudo das traduções brasileiras de Oscar Wilde*, inscrita no Programa de Iniciação Científica, edital 2011/2012, orientado pela Prof. Dra. Germana Henriques Pereira de Sousa, juntamente com os trabalhos *As traduções de Charles Dickens por Machado de Assis e Cecília Meirelles* de Alyne do Nascimento Silva e *O Palácio das Ilusões da tradução austeniana: Orgulho e Preconceito no sistema literário nacional* de Lorena Melo Rabelo.

O objetivo deste artigo é estudar o prefácio de Oscar Wilde ao romance *The Picture of Dorian Gray* e comparar algumas traduções publicadas no Brasil entre 1923 e 2011, seguindo o modelo apresentado por Marie-Hélène Catherine Torres em sua obra *Traduzir o Brasil literário: Paratexto e discurso de acompanhamento* (2011) para análise dos aspectos morfológicos e dos textos de acompanhamento e considerando também o conceito de paratexto de Gérard Genette (2009). Para isso vamos analisar as traduções de João do Rio (1923), Oscar Mendes (1980), José Eduardo Ribeiro Moretzsohn (1985) e Lígia Junqueira (2011).

1. A publicação

A figura de Oscar Wilde dispensa qualquer apresentação. Entretanto, o que muitos desconhecem é que o escritor irlandês, hoje considerado um dos grandes nomes da literatura ocidental, foi alvo de grande polêmica na Europa do século XIX.

The Picture of Dorian Gray, único romance de Wilde, apareceu pela primeira vez integralmente na *Lippincott's Monthly Magazine* em junho de 1890. Na época, o romance de apenas treze capítulos atraiu grande atenção da sociedade europeia. Os críticos acusaram Wilde de usar a publicação para sua autopromoção e para divulgar suas chamadas "indiscrições". Periódicos traziam críticas que caracterizavam o romance como sujo, imoral e enfadonho.

Em resposta, Wilde escreveu várias cartas² em favor de seu romance e de suas personagens, defendendo que a arte não deveria revelar o artista, ou mesmo a realidade, e que o dever do artista é inventar, reafirmando que qualquer personagem com base real seria artisticamente desinteressante.

No entanto, apesar das críticas desfavoráveis, *The Picture of Dorian Gray* é finalmente publicado em 1891, pela Ward, Lock & Co, a mesma editora responsável

² Algumas dessas cartas podem ser encontradas em uma compilação intitulada *Art and Morality*, editada por Stuart Mason. Disponível em <http://www.gutenberg.org/files/33689/33689-h/33689-h.htm>

pela publicação da *Lippincott's* na Inglaterra. O livro, com vinte capítulos, apresentava ligeiras mudanças em relação à história original e trazia também um prefácio escrito pelo próprio autor. No entanto, este prefácio havia sido publicado primeiramente em março do mesmo ano pela *Fortnightly Review* com o título *A preface to Dorian Gray*. É deste prefácio que tratamos aqui.

2. O prefácio a Dorian Gray

Em reação às primeiras críticas, o escritor irlandês escreveu uma série de aforismos que se propunham descrever o papel do artista, da arte e do crítico, e também defender a exaltação da Beleza (*Beauty*), dizendo que a arte não é moral ou imoral, e sim contemplativa e, portanto, nas palavras do autor, inútil. Alguns aforismos consistiam claramente em respostas aos críticos que rejeitaram seu romance desde o momento da publicação, outros eram uma crítica à sociedade do século XIX.

No entanto, o prefácio de Wilde não é meramente uma defesa de seu romance e de suas personagens, também pode ser considerado uma defesa da estética, em favor da "arte pela arte". Portanto, o prefácio de Wilde também pode ser considerado um prefácio-manifesto (GENETTE, 2009, p.202)

Segundo Genette (2009, p.176), uma das funções do prefácio original é introduzir o livro ao leitor e também direcionar sua leitura para o que o autor considera uma boa leitura. Então, no caso de Wilde, ao defender a arte em seu prefácio e retirar dela o peso da moralidade, ele conduz seu leitor a uma boa leitura, livre do julgamento moral da obra, restando apenas a apreciação do romance como manifestação artística.

Contudo, o prefácio parece negar o conteúdo do romance, já que o hedonismo exacerbado presente nas poucas palavras do prefácio é contestado na história do livro. O personagem de Dorian dedica sua vida ao prazer e à arte, mas no final não consegue conviver com as consequências disso. Nas palavras de Wilde, "em sua tentativa de matar a consciência, Dorian Gray mata a si mesmo." (apud ELLMAN, 1988, p.283).

3. A importância das traduções e retraduições

Toury (1995) afirma que a cultura-alvo determina a necessidade da tradução, seja para que a tradução preencha certa lacuna na cultura de chegada seja para afirmar a posição de uma cultura estrangeira na cultura de chegada. Portanto, é possível assumir que uma obra considerada universal como *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, possui papel relevante na cultura de chegada, já que existem mais de dez retraduições do título, surgidas após a pioneira tradução de João do Rio, de 1923. Gentzler analisa a contribuição de Toury e seu foco no sistema da cultura-alvo, comentando a importância do tipo de estudo comparativo que aqui realizamos:

Assim, em termos de tradução, se quisermos distinguir tendências regulares, precisamos estudar não apenas textos individuais, mas sim traduções múltiplas do mesmo texto original, à medida que ocorrem em uma cultura receptora em diferentes épocas da história. (GENTZLER, 2009, p.163)

Assim, podemos justificar o estudo e a existência das retraduições, pois cada época da história deixa refletir na sua tradução as normas tradutórias coletivas de cada tempo, o que cada época tem como adequado em termos de tradução. Por meio das análises, podemos igualmente identificar características individuais de cada tradução, um estilo próprio de cada tradutor.

3.1 A tradução de João do Rio

João Paulo Coelho Barreto, mais conhecido como João do Rio, nasceu em agosto de 1881 e foi notável jornalista, crítico, escritor e tradutor. Começou a trabalhar ainda adolescente e logo ascendeu profissionalmente. Sua escrita revolucionou o campo jornalístico e por muitos foi considerado o primeiro grande repórter brasileiro do início do século, principalmente após a publicação de *As Religiões do Rio*, uma compilação de reportagens investigativas que mostravam um Rio de Janeiro ocultado pelo governo.

A influência de Oscar Wilde em sua obra também é notável. O escritor foi grande inspiração para João do Rio, que incorporou a figura do dândi wildeano em sua vida e obra. A presença de Wilde na produção literária de João do Rio é mais evidente, como, por exemplo, a semelhança entre seus personagens, a descrição de cenários e a

importância do perfume para seus personagens e ambientes. No entanto, segundo Faria (1988), o escritor irlandês também está presente no trabalho jornalístico do carioca, que utilizava a estética wildeana para descrever ambientes reais.

A sua admiração por Wilde o levou a traduzir duas outras obras do autor (*Intenções*, de 1891, e *Salomé*, de 1893), além de *O Retrato de Dorian Gray*. No caso de *Dorian Gray* e *Salomé*, o título sugerido pela tradução de João do Rio foi mantido nas retraduações, já os ensaios compilados em *Intenções* só foram publicados como conjunto na tradução do escritor carioca.

Na primeira edição do romance, publicada pela Livraria Garnier em 1923, João do Rio deixa clara sua admiração pela obra do escritor irlandês em uma nota apresentada após o prefácio do autor:

O Retrato de Dorian Gray é há trinta anos o livro de ficção mais sensacional da terra. A sua sedução persiste, é cada vez maior. Hoje passou a ser o credo de uma estética nova, na terra inteira.

O prefácio de Wilde, por consistir em frases curtas e expressas em linguagem simples e direta, como um aforismo deve ser, resulta em traduções muito próximas do original em inglês. No entanto, a tradução de João do Rio deixa algumas peculiaridades no texto em português, como se pode ver nos exemplos abaixo.

Exemplo 1

Original	João do Rio
The critic is he who can translate into another manner or a new material his impression of beautiful things.	Crítico é aquele que pode traduzir d'outra forma ou com processos novos a impressão deixada pelas belas coisas.

A tradução de "new material" por "processos novos" deixa a frase redundante, pois "traduzir d'outra forma" já implica o uso de "processos novos", e assim a ideia do uso de "new material" é perdida no texto em português. A tradução de "new material" por "em novo material" seria mais adequada, como veremos posteriormente.

A edição da Garnier do texto de João do Rio também traz outra singularidade. Um dos aforismos originais não é traduzido, sendo omitido do texto em português:

Exemplo 2

Original	João do Rio
No artist has ethical sympathies.	O Artista não tem simpatias éticas.
An ethical sympathy in an artist is an unpardonable mannerism of style.	A simpatia moral num artista traz o maneirismo imperdoável de estilo.
No artist is ever morbid. The artist can express everything.	O Artista vê e pode exprimir tudo.

Note que a sentença “No artist is ever morbid” é omitida do texto traduzido, e, ao mesmo tempo, João do Rio acrescenta informação na frase seguinte, então o original “The artist can express everything” torna-se “ O Artista **vê** e pode exprimir tudo”.

Além disso, podemos ver que João do Rio opta por traduzir “No artist” por “O Artista”, modulando o texto traduzido. Ambas as construções são generalizações, no entanto, o escritor carioca opta por uma generalização positiva, enquanto Wilde utiliza uma generalização negativa, como se dissesse “nenhum artista digno desse nome”.

Note-se também o uso de maiúsculas no texto traduzido. João do Rio utiliza maiúsculas ao falar de Arte, Beleza e do Artista, enquanto Wilde apenas utiliza esse recurso ao tratar de *Beauty*. Isso implica uma valorização dessas palavras que não há no texto original, sendo, portanto, uma interpretação do próprio tradutor.

Outra escolha interessante é a tradução de “actor” por “comediante”, ilustrada no exemplo 3. Aqui o tradutor opta por uma palavra mais específica do que a escolhida pelo escritor irlandês em seu original.

Exemplo 3

Original	João do Rio
From the point of view of form, the type of all the arts is the art of the musician. From the point of view of feeling, the actor's craft is the type.	No ponto de vista da forma, a música é o tipo das artes. No ponto de vista da sensação é a profissão do comediante .

Em inglês, "actor" é uma pessoa que atua em peças e filmes, enquanto "comedian" é um ator especializado em comédia. Em português o caso é semelhante, "ator" é uma artista que representa em teatros, enquanto "comediante" pode ser sinônimo de "ator", embora seja mais comumente utilizado para designar um ator de comédia.

Assim, João do Rio, por estar mais próximo do contexto histórico de publicação da obra em inglês e por sustentar uma relação de profunda admiração por Wilde, revela mais liberdade ao traduzir o texto, não se preocupando tanto em manter sua tradução extremamente próxima do original. Revela, por aí, igualmente sua criatividade, legitimando seu papel de escritor na cena cultural brasileira daquela época e de hoje.

3.2 A tradução de Oscar Mendes

Oscar Mendes nasceu em Recife em 1902 e viveu em Minas Gerais durante a maior parte de sua vida. Exerceu, entre muitos outros, o ofício de professor, jornalista e tradutor. Como tradutor, recebeu o crédito de várias traduções famosas, como a *d'O Corvo*, de Edgar Allan Poe.

A tradução de Mendes do prefácio de Oscar Wilde data do início da década de 1970. Trabalharemos aqui com a edição de 1980, publicada pela Abril Cultural. Essa tradução possui grandes semelhanças com a tradução de João do Rio com relação às escolhas lexicais:

Exemplo 4

	Original	Oscar Mendes	João do Rio
A	The critic is he who can translate into another manner or a new material his impression of beautiful things.	O crítico é aquele que pode traduzir, de um modo diferente ou por um novo processo , a sua impressão das coisas belas.	Crítico é aquele que pode traduzir d'outra forma ou com processos novos a impressão deixada pelas belas coisas.
B	An ethical sympathy in an artist is an unpardonable mannerism of style .	A simpatia ética num artista constitui <i>um maneirismo de estilo</i> imperdoável.	A simpatia moral num artista traz o <i>maneirismo imperdoável de estilo</i> .

Observe-se que, assim como João do Rio, Oscar Mendes opta por traduzir "material" por "processo", causando a mesma redundância presente no daquele. Note também que ambos traduzem o aforismo B quase que literalmente, porém Mendes inverte a ordem das palavras, colocando o adjetivo "imperdoável" após a palavra "estilo", o que deixa a frase ambígua, pois o adjetivo pode qualificar tanto "maneirismo" quanto "estilo". Assim cabe a pergunta: será a tradução de João do Rio o texto fonte para a tradução de Mendes?

Outra característica da tradução de Oscar Mendes é a tradução do nome do personagem shakesperiano citado no prefácio de Wilde:

Exemplo 5

Original	Oscar Mendes
The nineteenth-century dislike of Realism is the rage of Caliban por seeing his own face in a glass.	A aversão do século XIX ao Realismo é a cólera de Calibã por ver o seu rosto num espelho.
The nineteenth-century dislike of Romanticism is the rage of Caliban not seeing his own face in a glass.	A aversão do século XIX ao Romantismo é a cólera de Calibã ao não ver o seu próprio rosto num espelho.

Entre as quatro traduções estudadas neste artigo, a de Oscar Mendes é a única que naturaliza o nome de Caliban, personagem de *A Tempestade* de William Shakespeare.

3.3 A tradução de José Eduardo Ribeiro Moretzsohn

Apesar de não haver muitas informações sobre o tradutor, sabe-se que a tradução de Moretzsohn foi publicada primeiramente no início da década de 1980. Trabalharemos aqui com a edição de 1985, publicada pela Francisco Alves.

A tradução de Moretzsohn é, em geral, bastante literal em relação ao texto original. Entretanto, o tradutor também faz algumas escolhas curiosas:

Exemplo 6

	Original	José Eduardo Moretzsohn
A	Those who find beautiful meanings in beautiful things are the cultivated .	Os que descobrem significados maravilhosos em coisas maravilhosas são os ilustrados .
B	There is no such thing as a moral or an immoral book.	Não existe isto de livros morais ou imorais.

O adjetivo “ilustrado” é sinônimo de “instruído”, “culto”, no entanto, seu uso nessa tradução resulta num efeito preciosista que não existe no texto original, e que,

consequentemente, confere à tradução certo ar pedante. Além disso, “ilustrado” é mais do que “culto”. Refere-se à Ilustração ou Iluminismo, enquanto Wilde estava se referindo à erudição.

Em contraste com o preciosismo, na frase B o tradutor opta por uma construção mais informal, deixando no texto inconstante no que se refere ao grau de formalidade.

A tradução de Moretzsohn também apresenta algumas peculiaridades que podem ser relacionadas a erros de revisão ou digitação:

Exemplo 7

	Original	José Eduardo Moretzsohn
C	The nineteenth-century dislike of Realism is the rage of Caliban seeing his own face in the glass.	A antipatia do século dezenove pelo realismo é a fúria de Caliban olhando – seu rosto no espelho
D	The only excuse for making a useless thing is that one admires it intensely.	A única desculpa, para se fazer uma coisa útil , é que a admiramos com intensidade.

No aforismo C, o uso de travessão é desnecessário. Não é possível constatar se a presença deste recurso é proposital ou se se trata de um erro de revisão. Já no aforismo D, existe um contrassenso na tradução. O texto de Moretzsohn traz “útil” como equivalente de “useless”, quando o correto seria exatamente o contrário, “inútil”, pois o sufixo “-less” significa a falta, ausência de alguma coisa, tornando negativo o radical que o precede.

Comparando-se o ritmo do texto de Wilde com aquele produzido por Moretzsohn, este não trabalha da mesma forma as repetições, como se vê no exemplo abaixo:

Exemplo 8

Original	Moretzsohn
No artist desires to prove anything. Even things that are true can be proved.	Nenhum artista deseja provar coisa alguma. Até mesmo as coisas verdadeiras podem ser provadas.
No artist has ethical sympathies. An ethical sympathy in an artist is an unpardonable mannerism of style.	Nenhum artista possui simpatias éticas. Num artista, a simpatia ética é um maneirismo de estilo, imperdoável.
No artist is ever morbid. The artist can express everything.	Não há artista mórbido. O artista pode expressar qualquer coisa.

Assim, a tradução de Moretzsohn perde o paralelismo da construção, e por aí, a poeticidade e a força de manifesto.

3.4 A tradução de Lígia Junqueira

A escritora e tradutora mineira, Lígia Junqueira, traduziu inúmeras obras de grandes autores para o português do Brasil, como Sir Arthur Conan Doyle, William Faulkner, F. Scott Fitzgerald, entre outros.

A tradução do prefácio de Oscar Wilde é de 1965, publicada na coleção da Biblioteca Universal Popular. Trabalharemos aqui com a 10ª edição, publicada em 2011 pela Civilização Brasileira.

A tradução de Junqueira, entre as quatro analisadas neste artigo, é a mais próxima do original. Suas escolhas não causam alteração do sentido do texto e mantêm todas as repetições presentes no original em inglês:

Exemplo 9

Original	João do Rio	Oscar Mendes	Moretzsohn	Lígia Junqueira
The critic is he who can translate into another manner or a new material his impression of beautiful things.	Crítico é aquele que pode traduzir d'outra forma ou com processos novos a impressão deixada pelas belas coisas.	O crítico é aquele que pode traduzir, de um modo diferente ou por um novo processo , a sua impressão das coisas belas.	O crítico é aquele capaz de traduzir para uma outra maneira, ou para um novo material , sua impressão das coisas maravilhosas.	O crítico é aquele que sabe traduzir em outra forma ou em novo material sua impressão das belas coisas.

Tanto Junqueira quanto Moretzsohn conseguiram traduzir esse trecho de forma mais próxima ao original, sem redundância ou alteração de sentido. Contudo, somente Junqueira consegue manter esse tom no restante de sua tradução. E também apenas a sua tradução consegue deixar clara a intenção do texto wildeano, com relação ao trabalho do crítico, ressaltando a importância da forma e do material novo. Ambos os léxicos, forma e material; remetem à questão da forma literária e ao novo material estético.

Apesar disso, em sua tradução também há uma omissão que também não se explica, podendo caracterizar um erro de tradução ou edição:

Exemplo 10

Original	Lígia Junqueira
Thought and language are to the artist instruments of an art. Vice and virtue are to the artist materials for an art. From the point of view of form, the type of all the arts is the art of the musician.	Pensamento e linguagem são, para o artista, instrumentos de uma arte. Do ponto de vista da forma, o protótipo de todas as artes é a arte do músico.

4. Considerações finais

Este trabalho teve por objetivo analisar as traduções brasileiras do prefácio de Oscar Wilde publicado em seu livro *O Retrato de Dorian Gray*, publicado em 1891. Comparando as traduções de João do Rio, Oscar Mendes, José Eduardo Ribeiro Moretzsohn e Lígia Junqueira podemos observar que todas elas, a despeito das peculiaridades que destacamos, são extremamente semelhantes. Isso pode ser atribuído ao fato de que o texto original é composto de frases curtas e objetivas, causando pouca divergência nas traduções, mas também pode revelar uma tendência brasileira de manter uma proximidade quase literal entre o texto traduzido e o original.

Por meio das análises podemos concluir que:

- A tradução de João do Rio, pela proximidade cronológica com o texto em inglês e pela profunda admiração ao escritor irlandês por parte do tradutor, não se prende totalmente ao texto original;
- A tradução de Oscar Mendes tem muito em comum com a tradução de João do Rio, esta podendo ter servido como texto fonte para a tradução de Mendes;
- Oscar Mendes é o único dos quatro tradutores analisados que traduz o nome de Caliban;
- A tradução de José Eduardo Ribeiro Moretzsohn apresenta preciosismo e também informalidade que não há no original, tornando sua tradução inconstante no que diz respeito à formalidade do texto. Essa tradução também apresenta erros de tradução ou revisão;
- A tradução de Lígia Junqueira, das quatro apresentadas, é a mais próxima do texto original.

5. Referências Bibliográficas

ELLMANN, Richard. *Oscar Wilde*. Tradução de José Antonio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

FARIA, Gentil Luiz de. *A presença de Oscar Wilde na Belle Époque literária brasileira*. São Paulo: Pannartz, 1988.

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GENTZLER, Edwin. *Teorias Contemporâneas da Tradução*. Tradução de Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. *Traduzir o Brasil literário: Paratexto e discurso de acompanhamento*. Tradução de Marlova Aseff; Eleonora Castelli. Santa Catarina: Copiart, 2011.

TOURY, Gideon. "A Handful of Paragraphs on 'Translation' and 'Norms'"
In: Christina Schäffner, ed. *Translation and Norms*. Clevedon etc.:
Multilingual Matters, 1998. 10-32. [also available as Vol 5, Nos 1&2 of
Current Issues in Language & Society. Disponível em:
http://www.tau.ac.il/~tourney/works/GT-Handful_Norms.htm. Acessado em: 10/05/2012.

_____ "The Nature and Role of Norms in Translation". In idem,
Descriptive Translation Studies and Beyond. Amsterdam-Philadelphia:
John Benjamins, 1995, 53-69. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~tourney/works/GT-Role-Norms.htm>. Acessado em: 10/05/2012.

WILDE, Oscar. *O Retrato de Dorian Gray*. Tradução de João do Rio. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1923.

_____ *O Retrato de Dorian Gray*. Tradução de Oscar Mendes. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____ *O Retrato de Dorian Gray*. Tradução de José Eduardo Ribeiro Moretzsohn. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.

_____ *O Retrato de Dorian Gray*. Tradução de Lígia Junqueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____ "The Picture of Dorian Gray". In: *Plays, prose, writings and poems*. Everyman's Library

ⁱ **Eliane PEREIRA DE SOUSA LEAL, estudante-pesquisadora**
Universidade de Brasília (UnB)
Departamento de Letras – Tradução
elianepsleal@gmail.com

ⁱⁱ **Germana HENRIQUES PEREIRA DE SOUSA, Profa. Dra.**
Universidade de Brasília (UnB)
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução
germanahp@gmail.com